

## O “Naufrágio do vapor *Santareense*”: um relato oitocentista

"The shipwreck of the steamer *Santareense*": a 19th century account

Adriana Freire Nogueira  
(FCHS/ UAlg/ CECH/ CIAC)  
anogueir@ualg.pt

J. J. Dias Marques  
(FCHS/ UAlg/ IELT)  
jjmarq@ualg.pt

### O contexto

Durante uma viagem de Liverpool a Belém do Pará, o vapor britânico *Santareense* naufragou. O desastre aconteceu na madrugada de dia 18 de junho de 1896, à uma da manhã, ao largo de Cabo Verde (15° 30' N 33° W), quando embateu na galera *Dundonald*, que ficou bastante danificada. O *Santareense* submergiu totalmente após cerca de 12 horas. O tribunal de Liverpool, a 20 de agosto daquele ano, isenta os comandantes de ambos os navios e atribui as culpas do sinistro ao segundo oficial do *Santareense*.<sup>1</sup>

Este acontecimento foi notícia em diversos jornais de língua inglesa, como os americanos *New York Times*<sup>2</sup> e *Jasper Weekly Courier*<sup>3</sup>, de Jasper, Indiana (EUA), ou o galês *Cardigan Observer*<sup>4</sup>, sendo

---

<sup>1</sup><https://southampton.spydus.co.uk/cgi-bin/spydus.exe/ENQ/OPAC/BIBENQ?BRN=1245053> [Consultado a 25 de julho de 2019].

<sup>2</sup> Notícia de 1 de julho de 1896.

<sup>3</sup> *Jasper Weekly Courier*, Volume 38, Number 4, Jasper, Dubois County, 31 July 1896, p. 6.

<https://newspapers.library.in.gov/cgi-bin/indiana?a=d&d=JWC18960731.1.6> [Consultado a 25 de julho de 2019].

<sup>4</sup> *The Cardigan Observer*, de 1 de agosto de 1896, p. 2. <https://newspapers.library.wales/view/3018755/3018757> [Consultado a 25 de julho de 2019].

referido em muitas fontes que enumeram ou reportam os naufrágios daquela época.

António de Mendonça Freire, de 23 anos, um dos 47 passageiros, escreve, em janeiro de 1897, as suas memórias dessa viagem.

O «Naufrágio do Vapor *Santarense*» é um texto inédito, parte integrante de um caderno<sup>5</sup> escrito por si, entre setembro de 1896 e novembro de 1901.

O caderno tem uma capa dura, forrada a tecido preto, em cuja lombada se pode ler *Mariposas*, em papel impresso, colado sobre o tecido. A capa tem um retângulo de papel também colado, em forma de título. O papel é da mesma série da lombada, mas agora com mariposas coloridas e o nome *Mariposas* em diagonal, sugerindo a ideia de um livro.

*Mariposas* pertencia a António de Mendonça Freire, que o fazia circular por um grupo de três amigos, com quem dividia a escrita, algumas vezes em forma de mote fornecido por um e glosado por outro. As tipologias de textos variam, encontrando-se desde prosa a poesia, passando por uma epístola (esta narrativa), até versos que teriam sido escritos em leques de senhoras.

O livro foi iniciado no Brasil, estando o primeiro texto datado «Belém do Pará, 12 de setembro de 1896», e o último, de 10 de março de 1899; o primeiro com a indicação de Portugal tem a data de 26 de agosto de 1900, e o último é de novembro de 1901, um ano antes do falecimento do autor.

## O Autor

António de Mendonça Freire nasceu no dia 12 de março de 1873, na vila da Batalha, distrito de Leiria. Era filho de Jacinto da Silva Freire, farmacêutico, natural da mesma vila, e de D. Augusta Amélia Travassos de Arnedo, «administradora de sua casa, natural da cidade de Tavira», como se lê na sua certidão de batismo, datada de dia 25 do mesmo mês. Os avós paternos eram igualmente da Batalha (o avô, José Freire da Silva, era professor do ensino primário), e os maternos moravam naquela vila, mas eram ambos de Tavira (o avô, António Féria de Mendonça, era apontador de estradas, professor voluntário e ensaiador de teatro amador).

---

<sup>5</sup> Propriedade da família.

Naquela época, em que no assento de batismo apenas era determinado o nome próprio, António foi variando os apelidos com que se identificou: quando, a 7 de abril de 1896, pediu um passaporte para «Pará, Brasil, pela barra de Lisboa»<sup>6</sup>, deu como nome António Vicente da Silva Freire, assumindo o nome Vicente (recorrente do lado dos avós paternos), que em breve deixaria, mas que por vezes ainda aparecia em forma de inicial a seguir ao nome próprio. Esse mesmo passaporte revela que era um homem de baixa estatura (1,52m)<sup>7</sup>, de rosto redondo, de cabelos e olhos castanhos escuros, nariz comprido e boca regular.

Em junho de 1896 embarca para o Brasil e sofre o naufrágio que aqui narra, em forma de carta dirigida ao seu irmão Jacinto, que era apenas 1 ano e 8 meses mais velho.

O pai falecera com 40 anos, 3 meses antes do seu nascimento. No obituário de António, em 1902, no jornal *O Século*, faz-se referência a este facto, bem como ao naufrágio do *Santarense*: «(...) A Morte prostrou Mendonça Freire no vigor da vida, após tanta luta infrutífera pela existência, desde o berço, onde se deitou já órfão, até às plagas das terras de Santa Cruz.

Tendo conseguido salvar-se do medonho naufrágio do paquete «Santarense», que o conduzia, desembarcou no Pará, sem o mais leve recurso, colhendo ali, não os sorrisos da fortuna, que tanto merecia, mas o vírus da doença que o matou. (...)».

Morre tuberculoso, aos 29 anos (a 14 de outubro de 1902), na Batalha.

## O texto

Esta publicação é uma pré-edição de um trabalho mais vasto, quer no que respeita às notas, quer a uma análise do texto.

Atualizámos a grafia segundo a norma em vigor. Emendámos os raros erros de ortografia existentes no manuscrito.<sup>8</sup> Regularizámos o uso das maiúsculas.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> PT-ADLRA-AC-GCLRA-H-D-001-0016\_m0015\_derivada

<sup>7</sup> A altura poderá explicar uma das cenas mais cómicas da narrativa do naufrágio, em que entra num bote e se deita no chão, sem quase darem por ele, embora nesse bote apenas devessem ter entrado mulheres e crianças.

<sup>8</sup> Por exemplo, “reboliço”, por “rebuliço”.

<sup>9</sup> Por exemplo, *solo* (nome de um jogo) que no original está com maiúscula.

Corrigimos o que parecem lapsos do autor, que os teria corrigido se deles se tivesse apercebido.<sup>10</sup> No entanto, conservámos todos as formas que, consideradas erradas pela gramática normativa, se encontram muitas vezes na fala e na escrita de numerosos falantes do português, até hoje em dia, e que portanto não terão sido lapsos do autor, mas sim marcas da sua linguagem. Tal inclui erros de morfologia,<sup>11</sup> de sintaxe (sobretudo)<sup>12</sup> e mesmo de léxico.<sup>13</sup> Assinalámos em nota esses erros.

Mantivemos formas hoje desusadas, como “quási”, “cousa” ou “noute”, por deverem ser reflexo da pronúncia do autor e não apenas uma questão de grafia antiga.

Transcrevemos como itálicos os sublinhados do original.

Mantivemos a pontuação usada pelo autor (nem sempre muito consistente), que apenas emendámos quando absolutamente imprescindível.<sup>14</sup>

[Texto]

### **Naufrágio do vapor *Santarense*** (a meu irmão)

Enfim<sup>15</sup>, é chegado o momento de te descrever o naufrágio<sup>16</sup> do vapor *Santarense*. Porém essa descrição será apenas um pálido reflexo porque a minha humilde pena não encontrará decerto coloridos para te pintar bem ao vivo os transe dolorosos dessa malfadada viagem.

Depois de tu saíres do *Santarense*, onde me fostes<sup>17</sup> acompanhar, fiquei por longo tempo encostado à amurada de bombordo e daí vi que tu muito ao longe me dizias um último adeus acenando-me com o lenço a que eu

<sup>10</sup> Por exemplo, “obtia”, em vez de “obtinha”.

<sup>11</sup> Por exemplo, “fostes”.

<sup>12</sup> Por exemplo, “hora que cada um se foi para os seus beliches”, em lugar de “hora a que...” ou “um átomo dessa terra que me recordava com tanta saudade”, em lugar de “... terra de que...”.

<sup>13</sup> Por exemplo, “ludibrigar”, em vez de “lobrigar”.

<sup>14</sup> Por exemplo, na passagem do manuscrito em que se diz “sentimos muita sede e como a água já não produzia efeito, mandámos vir algumas cervejas”, acrescentámos a necessária vírgula antes da palavra “como”.

<sup>15</sup> *Enfim*: as duas primeiras letras desta palavra estão escritas sobre algo anterior rasurado. No início parece-nos que estava *Em fim* (em duas palavras).

<sup>16</sup> *o naufrágio*: as três primeiras letras deste sintagma (*o na*) estão escritas sobre algo anterior que parece *como*.

<sup>17</sup> *Sic*.

correspondi com amargura. Depois perdi-te de vista no meio desse charivari de botes e vapores que constantemente circulam no Tejo.

Olhei então com uma saudade indefinida para Lisboa, essa majestosa babilónia, onde momentos antes recebera, talvez pela última vez, os dolorosos abraços da despedida daqueles que me são queridos... Lembrei-me então da Batalha, de Leiria, de Aveiro e do Porto, aonde<sup>18</sup>, em cada uma destas terras, me ficara um pedaço da alma.

Uma multidão de pensamentos tristes me perpassaram em turbilhão pela mente, e mau grado meu senti que lágrimas teimosas me embaciavam os olhos. Neste momento aproximou-se de mim o Figueiredo, aquele rapaz brasileiro com quem tu falaste a bordo, e me chamou para me mostrar o vapor, o que foi uma felicidade porque estava quâsi a trair-me.

Principiámos pela sala de música aonde<sup>19</sup> se achava tocando aquela menina de olhos azuis e cabelos muito louros, a quem tu fizeste pé-de-alferes durante a tua curta permanência a bordo...

Depois das apresentações estilistas, continuámos a nossa visita pelo vapor, enquanto o Figueiredo me contava, todo enleado, que estava apaixonado pela tal menina dos olhos azuis e cabelos louros, e que esta o correspondia com igual afeto. Porém, pela descrição desses amores, compreendi logo que o rapaz era um grande asno, e que o seu amor não passava dum amor de imaginação, dum amor quimérico que se desvaneceria como o rolo de fumo que ia saindo da chaminé da<sup>20</sup> máquina desfazendo-se pelo espaço. A prova disso obtive-a no percurso da viagem onde se deram cenas interessantes a que eu quero dedicar uma página à parte<sup>21</sup>. Viemos depois<sup>22</sup> para a ré e aí assistimos aos últimos preparativos de saída até que o vapor levantou ferro pelas quatro horas da tarde.

Neste momento senti um não sei quê, de doloroso, que me oprimia e senti algumas lágrimas a evadirem-me<sup>23</sup> o rosto que eu disfarçadamente limpei com o lenço. O Figueiredo, nada o afligia, e todo entusiasmado principiou cantando o fado Hilário, a que eu me associei, porque *quem canta seu mal espanta*.

Quando deixámos de avistar Lisboa, parámos com o nosso desafinado concerto para tomar apontamentos. Eram cinco e trinta e cinco minutos da tarde. Nesta ocasião fomos chamar o Pinho, que encontrámos no castelo da proa com cara de quem estava a fazer versos à amada. Trouxemo-lo quâsi a reboque até<sup>24</sup> à ré, e aí com boa ou má vontade o obrigámos a fazer parte do concerto que, diga-se em abono da verdade, desempenhámos com grande

---

<sup>18</sup> *Sic.*

<sup>19</sup> *Sic.*

<sup>20</sup> *chaminé da*: acrescentado a lápis na entrelinha superior.

<sup>21</sup> Essa página não foi encontrada entre os escritos do autor.

<sup>22</sup> *Vimos depois*: estas palavras estão escritas sobre algo rasurado anterior.

<sup>23</sup> *evadirem-me: sic*, por *invadirem-me*.

<sup>24</sup> *até*: escrita sobre um *à* anterior.

êxito: o “Noivado no Sepulcro”<sup>25</sup>, a “Judia”,<sup>26</sup> o Fado da Meia Hora, e outros números de música idênticos que causariam inveja a qualquer Carlos Gomes ou Rossini.

Assim estivemos até às nove horas da noute, hora que<sup>27</sup> cada um se foi para os seus beliches.

Durante a noute não me foi possível adormecer e ali pela manhã, quando principiava a conciliar o sono, senti que batiam à porta do beliche. “Entre quem é”, disse eu com mau humor. A porta abriu-se, e eis que entra o Figueiredo já todo preparado, e rescendente a *Corylopsis*!<sup>28</sup> Apenas<sup>29</sup> não trazia o bigode frisado, o que tinha sua desculpa, visto ser cousa que o coitado não possuía.

- Sabes? me diz ele todo jovial, sonhei com a...

- Sim? pois também eu sonhei...

- Sonhaste com ela?!...

- Não, meu toleirão, sonhei mas foi contigo...

- Comigo? Então conta lá...

- Ora é muito boa, sonhei... que eras um grande asno! Um idiota!...

Dizendo isto, voltei-lhe as costas muito disposto a não lhe dar palestra, mas<sup>30</sup> o desalmado tanto falou, tanto palrou<sup>31</sup>, que me vi obrigado a levantar-me.

Acabada a minha ligeira *toilette*, o Figueiredo convidou-me a ir até à ré, onde se achava a sua *querida de olhos azuis e cabelos muito louros*, que nos recebeu muito amável, e desfazendo-se o Figueiredo em *requiebro*, que ela recebeu com absoluto indiferentismo.

Depois juntou-se-nos o Pinho, com os olhos húmidos de lágrimas muito recentes, e lá fomos vapor em fora, caminhando cabisbaixos, e sem dirigirmos uma só palavra. Cada um de nós ia absorto em seus<sup>32</sup> pensamentos. O<sup>33</sup> que os meus companheiros pensavam não o sei; eu por mim lembrava-se tristemente da Pátria e da família. Por vezes olhei para trás, como querendo ainda divisar na orla do horizonte um átomo dessa terra<sup>34</sup> que me recordava com tanta

<sup>25</sup> *Sic*: o título correto deste poema de Soares de Passos (que também foi muito popular como canção) é “O Noivado do Sepulcro”.

<sup>26</sup> Deve tratar-se do poema de Tomás Ribeiro, famoso na época e que também correu como canção.

<sup>27</sup> *Sic*: por *a que*.

<sup>28</sup> Nome de um perfume da época (*Corylopsis du Japon*), que parece ter sido pensado para senhoras.

<sup>29</sup> No manuscrito falta o *s* final.

<sup>30</sup> *mas*: escrito sobre *porém*. A vírgula que antecede foi traçada a partir de um ponto final anterior.

<sup>31</sup> *tanto palrou*: acrescentado a lápis na entrelinha superior.

<sup>32</sup> *em*: acrescento na entrelinha superior. *Seus*: está escrito sobre algo anterior.

<sup>33</sup> *O*: escrito sobre um *o* minúsculo. O ponto final que antecede foi formado a partir de uma vírgula anterior.

<sup>34</sup> *Sic*, por *de que*.

saudade. Mas nada!... A vista alongava-se-me por essa imensa planície movente, e ia perder-se lá muito longe onde as nuvens e as águas parecem que se beijam e se confundem. Assim andámos por longo tempo até que a sineta de bordo se fez ouvir convidando-nos a tomar café.

O resto do dia passámo-lo<sup>35</sup> a jogar o *solo*, e à noute lá fomos para o nosso ponto predileto cantar mais uns números de música com grande risco de sermos processados pelos respetivos<sup>36</sup> autores. No dia seguinte levantámo-nos muito cedo, já se avistava a Madeira<sup>37</sup>, porém tão longe que quasi se perdia entre a neblina. O vapor agora marchava lentamente, e só pelas nove horas da manhã lançou ferro em frente do Funchal.

Saltámos em terra, e a primeira cousa que fizemos foi almoçar, o que pagámos por bom preço, como se já *voltássemos do Brasil*. Em seguida fomos ao correio deitar algumas cartas que escrevêramos a bordo, e, sempre acompanhados<sup>38</sup> dum guia muito maçador que não nos deixou desde que pusemos pé em terra, visitámos os pontos mais pitorescos da cidade<sup>39</sup>, inclusive o mercado onde nos fornecemos de deliciosas frutas, ficando eu<sup>40</sup> admirado da abundância e variedade que ali se encontrava. As ruas da cidade<sup>41</sup> são muito estreitas e as construções na sua maior parte muito antigas, e, para te falar com franqueza, não vi rapariga que merecesse dois dedos de [*palavra ilegível*]<sup>42</sup>, mas sim muita carcaça seguindo o caminho da igreja<sup>43</sup>. O comércio estava fechado em consequência de ser dia de<sup>44</sup> Santo António.

Demorámo-nos apenas três horas em terra, porque o vapor nos fez sentir no seu apito imperioso que ficaríamos em terra se não nos apressássemos. A este sinal, tratámos logo em continente<sup>45</sup> de ir para bordo, e pelas três horas da tarde a hélice pôs-se novamente em movimento, seguindo a linha do Pará.

Até dia 17 nada havia de extraordinário; o vapor ia atravessando um verdadeiro lago, e a bordo todos se sentiam felizes procurando cada um distrações a seu belo prazer. De tarde sentimos muita sede e, como a água já

<sup>35</sup> *passámo-lo*: escrito sobre algo anterior, que parece ser *passamos a*.

<sup>36</sup> *respetivos*: acrescento na entrelinha superior.

<sup>37</sup> Madeira: o *m* inicial maiúsculo foi escrito sobre um *m* minúsculo.

<sup>38</sup> *acompanhados*: acrescentado na entrelinha superior, a lápis. Na linha está riscado, a lápis, *precedidos*.

<sup>39</sup> *cidade*: as duas primeiras letras desta palavra estão escritas sobre algo anterior, que parece *ilha*.

<sup>40</sup> *eu*: acrescentado na entrelinha superior.

<sup>41</sup> *da cidade*: acrescentado na entrelinha superior, a lápis.

<sup>42</sup> [*palavra ilegível*]: acrescento na entrelinha superior. Este acrescento substitui a palavra *alguma*, que está riscada na linha.

<sup>43</sup> *seguindo o caminho da igreja*: acrescento na entrelinha superior. Este acrescento substitui a expressão *a irem para a missa*, está riscada na linha. A seguir à palavra *igreja*, há também, na entrelinha superior, o início de uma palavra riscada.

<sup>44</sup> *de*: parece acrescento na linha.

<sup>45</sup> *em continente*: forma aporuguesada da expressão latina *in continenti*, ou seja, *imediatamente*.

não produzia efeito, mandámos vir algumas cervejas. Um de nós ia já a lançar as garrafas vazias<sup>46</sup> para o mar, quando um outro se lembrou de mandar telegramas dentro das garrafas. Todos apoiaram esta ideia, e cada um escreveu em pedaços de papel o que lhe veio à mente. Em alguns desses bilhetes, dizia-se que o vapor tinha ido para o fundo e pedia-se socorro para os naufragos! Feito isto meteram-se os bilhetes dentro das garrafas cuidadosamente rolhadas para que a água não pudesse penetrar, e lançámo-las ao mar! Lá vai esta quadra de pé quebrado que li há muito tempo e que vem a propósito:<sup>47</sup>

Quem do perigo sempre preste  
Zomba impensadamente  
A experiência é um mestre,  
Que nos ensina lentamente...<sup>48</sup>

(J. Abreu)<sup>49</sup>

Anoiteceu, e, como de costume, lá fomos para o nosso ponto favorito dar o nosso concerto vocal. A noite estava lindíssima, o luar convidava, e por esta razão estivemos até mais tarde, e era meia-noute quando nos fomos deitar, fazendo mútuos promettimentos de nos levantarmos muito cedo no dia seguinte.

Dormia já profundamente quando um enorme estampido e um balanço horrível impossível de te descrever me arremessou bruscamente fora do beliche. Semelhante à explosão dum rastilho de dinamite, desde a proa à ré, e que na sua derrota fosse destruindo todo o vapor, produziu um som metálico como produziria uma enorme bola de ferro, lançada sobre uma escadaria de bronze. Uma vez fora da cama, tentei calçar as botas, mas o vapor continuava numas oscilações medonhas, o que me fez cair por duas vezes, e mesmo sem conseguir calçar-me pus-me num pulo fora do beliche.

Lá fora passava-se então uma cena aterradora! Uns correndo<sup>50</sup> para aqui, outros para acolá, atropelando-se, esmagando-se e fazendo a um tempo uma mistura de súplicas e ameaças! Horrível confusão!<sup>51</sup> “Vamos para o fundo! Vamos para o fundo!” Eram os gritos que mais se distinguiam no meio daquela triste barafunda!

Porém eu ainda não sabia a causa de tanta balbúrdia, mas pelo espetáculo em que eu, sem saber ainda, estava desempenhando também o meu triste papel, compreendi logo que alguma cousa de muito grave se passava a bordo.

---

<sup>46</sup> Antes de *vazias* está um traço em diagonal que parece o início de um *p* que não foi concluído.

<sup>47</sup> *Lá vai esta quadra de pé quebrado que li há muito tempo e que vem a propósito*: esta frase, que no original está entre aspas, foi acrescentada na linha.

<sup>48</sup> O final da palavra *lentamente* e as reticências estão escritos sobre algo rasurado. As reticências estão, ainda, escritas com uma tinta diferente.

<sup>49</sup> (J. Abreu): acrescento na linha, com uma tinta igual à das reticências da linha anterior.

<sup>50</sup> *correndo*: por baixo do *c* está o que parece o início de um *p*. Cf. a palavra seguinte.

<sup>51</sup> Tanto *ameaças!* como o *H* de *Horrível* foram palavras escritas sobre algo anterior que foi completamente apagado.



A ideia que<sup>52</sup> fosse tempestade, que por momentos me acalentou, dissipou-se logo apenas vi que a noute estava claríssima e o mar sereno. Perguntei àqueles que nas suas correrias vertiginosas conseguia deter qual era o motivo de tanta aflição, mas, por mais que perguntasse a uns e outros, a única resposta que obtinha<sup>53</sup> era que íamos para o fundo, e lá se iam não sei para onde, sem me responderem mais do que “Vamos para o fundo!...” De repente, vejo vir o Figueiredo correndo para mim e dizer-me, meio lacrimoso: “Olha, vês aquele navio que se afasta a todo o pano? Abriu um grande rombo na casa da máquina do vapor, por onde entra água a jorros!” Dito isto, lá se foi confundir no meio desse medonho charivari, e momentos depois passou junto de mim arrastando um salva-vidas.

Reparei então que ele já não sorria como de costume, e, quem sabe?, talvez nem se lembrasse da menina dos cabelos louros e olhos azuis... É que ele via o mar prestes a tragá-lo<sup>54</sup>, e nestes momentos solenes em que vemos a morte ante os olhos não temos tempo disponível para pensar em<sup>55</sup> tolices. Cada um procura uma tábua, uma corda, finalmente um objeto qualquer em que possa firmar-se importando-se-nos pouco que este ou aquele pereçam por falta de auxílio.

Fora verdade, infelizmente, o que o Figueiredo dissera. À frouxa<sup>56</sup> luz do pálido luar, destacava-se uma sombra escura semelhante a uma grande nuvem<sup>57</sup> que se ia afastando vertiginosamente de nós. O vapor parara, mas o navio lá ia marchando, marchando, e quando estava quasi a desaparecer da nossa vista parou ao ouvir o sinal que o vapor lhe fazia pedindo socorro no seu apitar rouco e angustioso, como um lúgubre suspirar no estertor da agonia.

A luz elétrica que se apagara por longo tempo não me deixara ver os destroços que iam pelo vapor, porém, logo que esta reapareceu, vi que tinha desaparecido por completo a casa do leme, a chaminé feita num arco e a amurada de estibordo desde a meia-nau até à ré já não existia, assim como os dois botes salva-vidas que ficavam daquele lado.

Foi então que eu compreendi a perigosa situação em que nos encontrávamos. Olhei então para todos os lados, quasi sem consciência do que fazia julgando descobrir terra, porém apesar de a noute estar clara, pouco se podia distinguir; ainda assim, vi com dolorosa angústia que estávamos em mar largo e muito longe de avistar terra.

---

<sup>52</sup> *que: sic, por de que.*

<sup>53</sup> *obtinha: obtia, no original.*

<sup>54</sup> *tragá-lo: no original está tragal-o. O /e o o são correções a lápis. Por baixo parece estar traga-lo, o que não correspondia à ortografia da época e terá sido lapso, emendado pelo autor.*

<sup>55</sup> *em: parece escrito sobre um nas anterior.*

<sup>56</sup> *frouxa: escrito por cima de uma palavra que parece ser pouca.*

<sup>57</sup> Por baixo do início da palavra *nuvem* está algo apagado.

Neste momento apareceu o capitão dizendo que o vapor não oferecia perigo, e, mesmo que se desse o caso de o haver, o outro navio estava esperando por nós pronto a receber-nos, o que aliás não seria preciso.

Apesar de estas palavras serem ditas com calma e acento de verdade que iludiu muitos, a mim não me iludiu, não, porque bem via que os maquinistas abandonando a máquina andavam juntos com o resto da tripulação que numa grande faina acarretavam, para os três botes que nos restavam, grande quantidade de mantimentos. Perguntei ao despenseiro para que era aquilo, se não havia perigo como o capitão tinha asseverado, e ele respondeu-me que era apenas uma prevenção da praxe!

Bem convencido do contrário, dirigi-me para o salão de música, convertido agora em oratório, e dei esta vã mas consoladora notícia às senhoras que ali se achavam chorando e rezando a um tempo. Esta nova produziu um efeito maravilhoso e ato contínuo cessaram as orações e num momento se puseram fora da sala. Porém uma delas aproximando-se da casa da máquina<sup>58</sup> ouviu o ruído que a água fazia entrando pelo rombo! Foi o suficiente para um novo grito de alarme, pedindo em altos gritos para que se lançassem lanchas ao mar, a que o capitão acedeu logo, dando ordem para que fosse arreado um escaler e nele se embarcaram as senhoras e crianças.

Eu ouvira bem que aquela ordem só se entendia com senhoras e crianças, porém, pouco se me importando de<sup>59</sup> desempenhar, em tais circunstâncias<sup>60</sup>, o papel de senhora ou mesmo de criança, saltei também para o bote e lá me anichei conforme pude.

Não te posso explicar como as cousas se passaram e como consentiram que eu fosse naquele bote, mas quer-me parecer que foi por não me terem visto, em consequência de eu ir estendido ao comprido, de<sup>61</sup> barriga para o ar e num charco de água, levando sobre o meu rosto os pés descalços dum remador que a cada impulso feito com os remos carregava desalmadamente! Só a meio do trajeto consegui sentar-me e tomar ar, pois ia quasi asfixiado. Vi então que avançávamos por uma espécie de montanhas moventes formadas duma massa azul escura e a cada embate dos remos produziam milhares de milhões de reflexos fosforescentes<sup>62</sup>.

---

<sup>58</sup> *máquina*: no original, está *machina*, com a grafia da época. No entanto, nesta ocorrência, o *c* está escrito sobre um *q* anterior, que foi lapso do autor, logo emendado.

<sup>59</sup> *importando de*: no original está apenas *im-*, que calha ser o fim da última linha da página. Virando a página, a primeira linha dela começa com *desempenhar*. Portanto, o autor, ao virar a página e recomeçar a escrever o texto, ter-se-á esquecido de concluir a palavra anterior e também de escrever *de*. Corrigimos tal esquecimento, suprimindo o que faltava.

<sup>60</sup> *em tais circunstâncias*: acrescento na entrelinha superior.

<sup>61</sup> Entre *comprido* e *de* consegue perceber-se um *e* quase apagado.

<sup>62</sup> No original está *phosphorescente*. No entanto, o segundo *ph* está escrito sobre um *f* anterior. Também *-phorescente* está escrito sobre algo rasurado.

De momentos a momentos, a nossa frágil embarcação erguia-se como por encanto ao cimo de um morro espumoso, deixando-nos ludibrigar<sup>63</sup> por instantes os faróis do navio. Sentia um não sei quê, que me inquietava e me oprimia, quando me via elevado a tão grande altura, porém a montanha desfazia-se debaixo de nós com a mesma rapidez com que se tinha formado, e nosso escaler descia novamente a uma espécie de abismo cavado no meio das águas que ameaçava engolir-nos.

Nós avançávamos lentamente, porque os remadores, já meio entorpecidos, sentiam as forças exauridas, pois navegávamos quâsi há duas horas; duas horas de inquietadora angústia que bem nos pareciam dois anos!

Num dos momentos em que fôramos levantados por uma enorme vaga, vimos com grande alegria que três lanchas se dirigiam para nós e que os remadores, quedando os remos, se chegavam à fala. Nada percebi da conversação que eles entabularam, que durou apenas uns dois minutos, e retomando os remos avançaram com grande rapidez para o navio, enquanto os outros escaleres se dirigiam para o *Santarense*.

la já despontando a manhã, quando encostámos ao navio, para onde subimos com o auxílio de uma escada de corda que para esse fim nos fora lançada.

Era uma galera enorme, e muito maior do que o *Santarense*, o navio em que nos achávamos e nos oferecia um triste asilo. Digo triste, porque este tinha sofrido também grossas avarias, visto que apresentava<sup>64</sup> dois mastros partidos e proa espedaçada, por onde entrava a água em grande quantidade fazendo-a descer muito sensivelmente, o que nos inquietou imenso. Porém o capitão, compreendendo os nossos receios, disse-nos que não nos afligíssemos, pois que, apesar de a galera se achar em tão mau estado, não oferecia perigo, e que podia conservar-se assim por muitos meses no mar, se isso fosse necessário.

Às sete horas da manhã já estavam a bordo da galera todos os passageiros do vapor, assim como parte dos tripulantes<sup>65</sup>, principiando então a lançar-se carga ao mar para aliviar o navio. A carga compunha-se de trigo, do que se lançaram mais de trezentas sacas no mar, árdua missão que durou mais de duas horas e onde trabalharam todos os passageiros, com exceção das senhoras e crianças, que estavam todas consternadas fazendo promessas a todas as santas e santos da corte celeste.

Como a proa já estivesse fora da água o suficiente para que esta não penetrasse, fomos tomar café, que nos foi servido numa grande caldeira onde cada um mergulhava um púcaro de folha. O despenseiro chamara-lhe café, porém eu é que não te posso explicar o que era; mas café ou chá, ou cousa

---

<sup>63</sup> *Sic*, por *lobrigar*.

<sup>64</sup> *apresentava*: acrescento na entrelinha superior, em substituição de *tinha*, que está riscado, na linha.

<sup>65</sup> *dos tripulantes*: anteriormente parece ter estado escrito *da tripulação*.

semelhante foi tomada mesmo sem açúcar e constituiu essa *zurrapa* o nosso frugal almoço do dia 18 de junho de 1896, de nefasta<sup>66</sup> memória!...

Chamava-se *Dundonald*,<sup>67</sup> e era americana<sup>68</sup>, a galera que nos recebera, e não fora ela a causadora do sinistro. A *Dundonald* vinha a todo o pano cortando a proa ao *Santareense*, porém o 3º piloto deste, que àquela hora ia de quarto, entendendo<sup>69</sup> que o vapor levava mais força, não quis desviar-se como era o seu dever e o que lhe seria muito fácil, caso que já não se dá com os barcos de vela, cujas manobras dependem de mais demora. Como era de prever, a *Dundonald*, não podendo evitar o abalroamento, apanhou o vapor a meia-nau, abrindo-lhe o rombo e fazendo os mais destroços que já te narrei.

O *Santareense* conservava-se ainda fora da água onde um grupo de marinheiros tratava de salvar muito à pressa algumas malas e roupas que encontravam pelos beliches.

Entretanto, na galera, tratava-se de um assunto melindroso, que era resolver se devíamos permanecer ali até que o acaso fizesse passar por nós um vapor que nos rebocasse até à Inglaterra, ou se devíamos mesmo assim seguir viagem.

Ouvida a opinião duns e outros ficou assente que, depois de alguns reparos mais necessários, seguiríamos viagem para S. Francisco da Califórnia, se durante este trajeto não encontrássemos outro meio de transporte mais seguro.

Assim estávamos todos com boa ou má vontade conformados, quando se avistou muito ao longe um ponto escuro quase indeciso que pouco a pouco se ia avolumando. Como por encanto, tudo correu para a amurada, e o capitão, depois de analisar por longo tempo com o seu óculo de alcance, disse serenamente: “É um navio...”

“É um navio!” disseram *tous à la voix!*...<sup>70</sup>

Momentos depois já podíamos distinguir uma barca de três mastros que avançava a todo o pano para nós. Chegando a uma curta distância parou e, arreando um bote, meteram-se dentro três homens; um destes era o capitão da barca, que, depois de conferenciar por algum tempo com o capitão do *Santareense*, voltou novamente para o seu navio.

“Meus senhores”, disse então o Snr. Murray (capitão do *Santareense*), “esta barca que veio ao nosso sinal de socorro vai para o Pará, e presta-se a recebê-los e levá-los até lá. Este navio está em más condições para lhes poder assegurar tranquilidade até à Inglaterra; por esta razão, peço-lhes a fineza de

<sup>66</sup> O fim da palavra *nefasta* sobrepõe-se a uma palavra apagada.

<sup>67</sup> *Dundonald*: esta é a forma registada em todos os documentos oficiais sobre o navio que consultámos. Porém, no manuscrito, aqui e em todas as outras ocorrências, o autor usa sempre *Dondunald*.

<sup>68</sup> *americana*: acrescento, a lápis, na entrelinha superior. Substitui a palavra *inglesa*, na linha, que está riscada, também a lápis.

<sup>69</sup> *entendendo*: por baixo do -o está, ao que parece, -eu, possível vestígio de uma forma anterior, *entendeu*, em que o autor terá pensado numa primeira versão desta frase.

<sup>70</sup> *tous à la voix*: em francês, no original (= *em unísono*).

passarem para a barca, onde não encontrarão por certo os cómodos do *Santarense*, que está prestes a desaparecer, mas sim mais conforto do que aqui lhes poderia dar.”

Quando o capitão acabou de pronunciar estas palavras já tinham arreado alguns escaleres e mesmo sem responderem lá se foram embarcando com os tristes despojos que a custo puderam salvar, e ao meio-dia já todos estávamos a bordo da *Hirotha*, assim se chamava a barca que nos havia de conduzir ao Pará.

Encostado à amurada de bombordo, vi pela primeira vez (e Deus queira que seja a última) como um navio ia para o fundo. Lera muitas descrições de naufrágios célebres, porém estas descrições, sempre adulteradas com exageros dos narradores, fazem-nos<sup>71</sup> duvidar muitas vezes da identidade<sup>72</sup> de alguns factos que eles apontam para lhes dar um aspeto mais tétrico.

Mas agora não era uma narrativa meio real, meio fantástica, mas sim a realidade pura e nua que eu tinha ante os olhos.

A uma hora menos dois minutos, principiou o *Santarense* a submergir-se; era chegado o momento solene! Descendo lentamente de ré, o vapor foi submergindo-se pouco a pouco, até que desapareceu totalmente diante dos nossos olhos húmidos de pranto na presença de tão doloroso espetáculo.

Quando a água penetrou pela chaminé, sentiu-se um ruído surdo, semelhante ao duma bacia de água lançada sobre um braseiro; era um átomo de vida que ainda lhe restava, e aquele ruído que nós ouvíramos fora o último suspiro do agonizante que o mar abafou abrindo-se para receber mais aquela riquíssima presa em seu seio e fechando-se sobre ela como receoso que<sup>73</sup> lha disputassem em suas incomensuráveis profundezas.

Dolorosamente impressionado, juntei-me ao Figueiredo, que vendo-se agora fora de perigo se entregava novamente às suas criancices, e todo embevecido nos seus amores quiméricos não via outra cousa que não fosse a menina de cabelos louros e olhos azuis.

Pelas quatro horas da tarde, a barca *Hirotha*, pondo-se novamente em movimento, deixou aquelas malfadadas paragens e tomou a direção do Pará. Até ao dia 24 tudo correu bem a bordo, apenas alguns sustos causados por golpes de mar que punha<sup>74</sup> as senhoras em grande alvoroço<sup>75</sup>. Neste dia seriam três horas da tarde fomos acossados por um valente tuvão acompanhado de chuva e trovoadas, que nos atemorizou visivelmente. É impossível<sup>76</sup> descrever-te o pânico que se estabeleceu a bordo! As senhoras foram encerradas na sala de

---

<sup>71</sup> *fazem-nos*: no original está *faz-nos*.

<sup>72</sup> *identidade*: o que está no original parece ser *edentiedade* ou *edentredade* ou *edentudade*.

<sup>73</sup> *que*: *sic*, por *de que*.

<sup>74</sup> *punha*: *sic*, por *punham*.

<sup>75</sup> *alvoroço*: por baixo do *v* lê-se um *g*, como se a ideia inicial tivesse sido escrever *algazarra*.

<sup>76</sup> *impossível*: a seguir a esta palavra existem algumas letras mal apagadas, que parecem ser *mente* (*impossivelmente*).

mesa<sup>77</sup>, e nós os homens, os que quiseram, viemos para a ré assistir mais a este grandioso espetáculo onde o capitão, o Snr. A. Andressen, desempenhava o principal papel fazendo andar toda a marinhagem num rebuliço, ora puxando cabos, ora colhendo velas. Enfim, um charivari medonho que só acabou pelas cinco horas da tarde quando a borrasca amainou. O tufão tinha sido a favor, adquirindo a barca uma velocidade de 22 milhas por hora!

Estabelecido o sossego a bordo, e já reanimados do grande susto, estávamos conversando naturalmente sobre os acontecimentos do dia, quando pelas nove horas da noite se repetiu um novo tufão mas menos violento que o primeiro, não deixando ainda assim de pôr as senhoras em grande gritaria e fazendo promessas sobre promessas a todos os santos das suas predileções. O mar continuava muito agitado e por esta razão poucos foram os que se deitaram.

Às quatro horas da manhã fomos acossados por outro vendaval, que atirou fora das redes onde dormiam o Jules Aubé e o Figueiredo, que àquela hora talvez estivessem sonhando um com o seu carregamento de manteiga que perdera no *Santarense*, e o outro com os cabelos louros e os olhos azuis da sua mãe que tudo... Quem sabe? Talvez fosse no momento em que o Jules Aubé estava sonhando que contava em belas esterlinas a importância da sua manteiga que a companhia de seguros cobriria, e Figueiredo sonhava também beijar a trança dourada da sua querida, que um violento golpe de mar os acordou bruscamente dos seus sonhos de ventura, obrigando-os a tomar um banho forçado!

Parece-me ainda ver o Aubé como uma péla rebolando de bombordo para estibordo, e o Figueiredo de<sup>78</sup> pé em cima da amurada agarrado com unhas e dentes a um cabo que lhe salvou a vida, pois se não tivesse esta felicidade seria varrido por essas enormes vagas que limpavam toda a coberta.

Um dos passageiros que dormia, assim como eu e outros, no camarote onde iam<sup>79</sup> as malas do correio, ouvindo os gritos aflitivos dos que estavam fora, correu à porta, porém, com tanta<sup>80</sup> infelicidade, que esta fechando-se lhe apanhou os dedos polegares triturando-lhos<sup>81</sup> a ponto de lhe saltarem as unhas!

A manhã despontou risonha, e até ao dia 27, em que avistámos as *Salinas*<sup>82</sup>, tudo correu bem. Neste dia houve grande festim por termos terra à vista e as senhoras mandaram fazer *mingau*, de que eu tomei e gostei imenso.

A barca parou para receber o práctico da barra<sup>83</sup>, enviando-se nesta ocasião um telegrama para o Pará.<sup>84</sup> No dia 28 à noite chegámos ao

---

<sup>77</sup> *sala de mesa*: o mesmo que *casa de jantar*.

<sup>78</sup> *de*: escrito em cima de um *em* anterior.

<sup>79</sup> *iam*: o *m* é um acrescento.

<sup>80</sup> *porém com tanta*: estas palavras foram escritas sobre algo anterior, de que percebe apenas no início a palavra *que*.

<sup>81</sup> *lhos*: no original está *lhes*. Corrigimos, por dever tratar-se de um lapso do autor.

<sup>82</sup> *Salinas*: Município do Estado do Pará, hoje Salinópolis; sublinhado, no original.

<sup>83</sup> *prático da barra*: equivalente brasileiro ao *piloto de barra* ou *piloto de porto*, em Portugal.

<sup>84</sup> *Pará*: aqui e nas ocorrências seguintes subentende-se Belém do Pará.

*Mosqueiro*<sup>85</sup>, onde a *Hirotha* lançou ferro por falta de vento, e no dia 29 de manhã foram alguns tripulantes a terra comprar peixe, frutas e água, que nos faltava desde<sup>86</sup> o dia 26<sup>87</sup>, obrigando-nos<sup>88</sup> a beber água da chuva. Aproveitou-se esta ocasião para mandar outro telegrama para o Pará, e o resto do dia andámos bordejando.

O telegrama fora expedido às 10 horas da manhã e, devido ao *zeloso* serviço do empregado do telégrafo no Mosqueiro, só foi recebido no Pará às cinco horas da tarde. Enviaram-nos logo algumas lanchas a vapor, entre elas a *Jabouty*, onde embarcámos pelas sete horas da tarde.

Quando a lancha largou, ergueu-se num grito insano, um *hurrah* ao Snr. A. Andressen, capitão da *Hirotha*, e a toda a tripulação<sup>89</sup>, que fora inesgotável em finezas para connosco. Da barca subiram<sup>90</sup> então ao ar inúmeros foguetes cujos lumes multicolores davam a esta cena um agradável e festivo aspeto que nos deixou saudosamente impressionados.

Chegámos finalmente a Belém do Pará, pelas 10 horas da noute, desembarcando no trapiche da Companhia do Amazonas, onde milhares de pessoas nos esperavam com ansiedade.

É esta a descrição do naufrágio do vapor *Santarense*, rústica sim, mas sem exageros.

Belém do Pará, 14 de janeiro de 1897  
A. M. Freire

---

<sup>85</sup> *Mosqueiro*: sublinhado, no original. O Mosqueiro é uma ilha do rio Pará, a 70km de Belém.

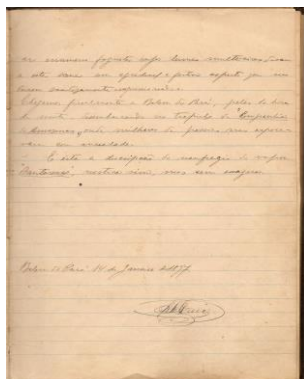
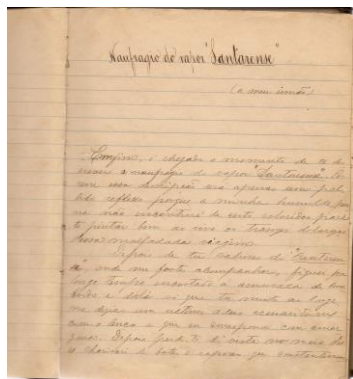
<sup>86</sup> *desde*: escrito sobre uma palavra começada por um *q*.

<sup>87</sup> *26*: por baixo do número *6* percebe-se o número *9*.

<sup>88</sup> *-nos*: o sentido pede *-nos*, mas no original parece estar *-se*.

<sup>89</sup> *tripulação*: escrito sobre algo anterior, indecifrável.

<sup>90</sup> *subiram*: as três últimas letras estão escritas sobre algo indecifrável anterior.



Primeira e última páginas do manuscrito do naufrágio



A. M. Freire